



EXPRESSO/CARTAZ – 22 de Maio de 1993

ÁGUA CHILRA

Nos últimos anos, seja no cinema seja na televisão, temos visto surgir alguns objectos audiovisuais portugueses que se dedicam a reconstituições de época, investindo em espaços cenográficos, adereços e guarda-roupa. Sinal de que o dinheiro para as produções já não vai sendo tão pouco como isso? Certamente. Mas sinal, também, de uma tentativa de sedução do público pela via do aparato visual, de um desvio à contemporaneidade.

Assim faz, agora, António de Macedo neste **Chá Forte com Limão**, história de mistérios em cenário e tempo oitocentistas onde, provavelmente, os fantasmas têm mais facilidade em surgir, mover-se e ser credíveis que no nosso tecnologicizado século XX. Só que esse investimento, assaz valorizado por um bom trabalho de fotografia de Manuel Costa e Silva, acaba erodido por um argumento e por uma realização que deitam quase tudo a perder. No campo da escrita, **Chá Forte com Limão** é pomposo, dramaturgicamente titubeante e dispersivo, de desfecho óbvio e mistério estreito. Os personagens não têm espessura (só a Raquel de Isabel de Castro se segura, mas aí os méritos vão sobretudo para a actriz), a maior parte dos actores trabalha em força, não em engenho (veja-se o sacudido Filipe da Costa, a inconsistência de Eugénia Bettencourt ou a rábula sublinhada de Filipe Ferrer), há quem jogue apenas na presença (Jean-Pierre Cassel - mas nem lhe pedem para fazer outra coisa) ou na placidez de uma beleza que, por si só, não justifica nada (Anabela Teixeira). No campo da realização, António Macedo mostra-se incapaz de segurar a escrita cinematográfica com destreza (já que pedir virtuosismo seria impensável...), cometendo erros surpreendentes num cineasta com o seu currículo (aqueles sucedâneos do campo/contracampo, com os actores filmados de lado a olhar para fora de campo são medonhos...).

O cinema português averba mais uma derrota. Por este andar nem Santa Zita lhe vale...

Jorge Leitão Ramos

